

Um segredo ímpio. Um novo pecado mortal.



O CONFESSOR

DANIEL SILVA

Best-seller mundial de um autor internacional.



BERTRAND EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DANIEL SILVA

(1960)

O Confessor

Título original americano

THE CONFESSOR

2003

Tradução

Maria João Freire de Andrade

BERTRAND EDITORA

DANIEL SILVA
O CONFESSOR

3ª Edição

Tradução Maria João Freire de Andrade

BERTRAND EDITORA

CHIADO 2005

Título Original: The Confessor

Autor: Daniel Silva

(c) Daniel Silva, 2003

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil,
reservados por: Bertrand Editora, Ltda.

Rua Anchieta, 29-1º

Lisboa Telefone: 210 305 500

Fax: 210 305 563

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Revisão: Lídia Freitas

Paginação: A Dentada do Rato Azul, Lda.

Impressão e acabamento:

Impresse 4 — Sociedade de Edições e Impressão, Lda.

Este livro foi impresso em papel Editorial da

TORRASPAPEL

Depósito Legal: 235185/05

Acabou de imprimir-se em Novembro de 2005

ISBN:972-25-1439-3

A David Buli, il restauratore, e come sempre, à minha mulher Jamie e aos meus filhos Lily e Nicholas

"Roma locuta est; causa finita est"

SANTO AGOSTINHO

(Roma falou; o caso está encerrado)

PARTE UM

Um apartamento em Munique

MUNIQUE

No bairro em moda de Schwabing, em Munique, o edifício de apartamentos na Adalbertstrasse, nº 68, era dos poucos que ainda não fora invadido pela ruidosa elite profissional em expansão. Entre dois prédios de tijolo vermelho que reflectiam um encanto pré-guerra, este nº 68, bege e sem graça, atarracado, com uma fachada de estuque fendido, era a meia-irmã feia e mais nova. Por isso, os seus pretendentes eram uma vaga comunidade de estudantes, artistas, anarquistas e punk rockers impenitentes. Presidia-lhes uma porteira autoritária, Frau Ratzinger, que, constava, vivera no edifício de apartamentos original do nº 68 quando este fora atingido por uma bomba aliada. Activistas da vizinhança atacavam o edifício como uma visão chocante a precisar de conversão. Os seus defensores diziam que era exemplo da mesma arrogância boémia que fizera outrora de Schwabing o Montmartre da Alemanha — a Schwabing de Hesse e Mann e Lenine. E de Adolf Hitler, seria tentado acrescentar o professor que trabalhava na janela do segundo piso, mas poucos dos habitantes do antigo bairro gostavam que se lhes recordasse que, noutros tempos, o jovem austríaco banido também encontrara inspiração, naquelas ruas pacíficas, bordejadas de árvores.

Para os seus alunos e colegas, ele era Herr Doktorprofessor Stern. Para os amigos das vizinhanças, era apenas Benjamin; para os visitantes que lhe apareciam vindos do seu país natal, era Binyamin. Num anónimo complexo de escritórios de pedra e vidro a norte de Telavive, onde ainda existia um arquivo das suas proezas juvenis (apesar dos seus incessantes pedidos para o queimarem), seria sempre conhecido como Beni, o mais novo dos filhos desobedientes de Ari Shamron.

Oficialmente, Benjamin Stern pertencia ao quadro de professores de uma faculdade da Universidade Hebraica de Jerusalém, embora durante os últimos quatro anos tivesse sido professor convidado da cadeira de Estudos Europeus na prestigiada Universidade Ludwig - Maximilian de Munique. O convite tornara-se semelhante a um empréstimo permanente, o que na opinião do professor Stern não fazia mal. Numa bizarra reviravolta dos acontecimentos históricos, a vida na Alemanha era agora mais agradável para um judeu do que em Jerusalém ou em Telavive.

A sua mãe sobrevivera aos horrores àoghetto de Riga, o que dava ao professor Stern um estatuto bizarro entre os outros locatários do nº 68. Ele era uma curiosidade.

Era a consciência deles, e eles manifestavam-se acerca da luta dos palestinianos, colocavam-lhe delicadamente perguntas que não se atreviam a fazer aos pais e avós.

Era o orientador, o sábio de confiança. Iam ter com ele para aconselhamento sobre os estudos. Abriam-lhe os corações em caso de desgosto sentimental. Assaltavam-lhe o

frigorífico quando tinham fome e pilhavam-lhe a carteira quando estavam sem dinheiro.

Mais importante, ele servia-lhes de porta-voz em todas as disputas que envolviam a temível Frau Ratzinger. O professor Stern era a única pessoa do edifício que não a temia.

Pareciam ter uma relação especial. Uma afinidade.

— É a Síndrome de Estocolmo — afirmava Alex, um estudante de psicologia que vivia no último piso. — Prisioneiro e guarda prisional. Amo e criado.

Mas era mais que isso. O professor e a velha mulher pareciam falar a mesma linguagem.

No ano anterior, quando o seu livro acerca da Conferência de Wannsee se tornara um bestseller internacional, o professor Stern acarinhara a ideia de se mudar para um edifício com mais estilo — talvez um com segurança adequada e vista sobre os Jardins Ingleses. Um lugar onde os outros locatários não lhe ameaçassem o seu apartamento como se este fosse o anexo deles. Isso criara pânico entre os outros. Uma noite, vieram ter com ele em massa, e pediram-lhe para ficar. Foram feitas promessas. Não lhe roubariam a comida, nem lhe pediriam empréstimos quando não houvesse esperança de devolução. Respeitariam mais a sua necessidade de silêncio. Viriam ter com ele em busca de conselho apenas quando fosse absolutamente necessário. O professor aquiesceu, mas passado um mês o seu apartamento voltou a ser, de fato, a sala comunitária do nº 68 da Adalbertstrasse. Secretamente, ficou satisfeito por eles terem regressado. As crianças rebeldes do nº 68 eram a família que restava a Benjamin Stern.

O chocalhar de um eléctrico que passava quebrou-lhe a sua concentração. Ergueu o olhar a tempo de o ver desaparecer atrás dum castanheiro, depois olhou para o relógio.

Onze e meia. Estivera naquilo desde as cinco da manhã. Tirou os óculos e esfregou os olhos durante uns momentos. Que dissera Orwell a respeito de se escrever um livro? Uma luta horrível, esgotante, como um ataque prolongado de uma doença dolorosa.

Por vezes, Benjamin Stern sentia que este livro poderia ser fatal.

A luz vermelha do atendedor de chamadas piscava. Habituara-se a abafar os toques para evitar interrupções indesejadas. Hesitante, como um perito em bombas a decidir que cabo cortar, inclinou-se e premiu o botão. Do pequeno aparelho ouviu-se uma explosão de heavy metal, seguida de um uivo bélico.

"Tenho boas notícias, Herr Doktorprofessor. Ao final do dia, haverá menos um judeu nojento à superfície da Terra! Wiedersehen, Herr Doktorprofessor".

CLIQUE.

O professor Stern apagou a mensagem. Já estava habituado. Ultimamente, recebia duas por semana; por vezes mais, dependendo de ter aparecido na televisão ou tomado parte nalgum debate público. Conhecia-os pela voz e dava a cada um deles uma alcunha banal, inofensiva, para diminuir o impacto nos seus nervos. Este fulano telefonava, pelo menos, duas vezes por mês. O professor Stern dera-lhe o nome de Wolfie. Por vezes, contava à Polícia. Na maior parte dos casos, não se dava a esse trabalho.

De qualquer modo, não havia nada que eles pudessem fazer.

Trancou o manuscrito e as notas no cofre do soalho, enfiado atrás da secretária. Depois calçou uns sapatos, vestiu um casaco de malha, e foi buscar o saco do lixo à cozinha. O antigo

edifício não tinha elevador, o que significava que tinha de descer dois lances de escada para chegar ao piso térreo. Ao chegar ao átrio, um fedor químico atingiu-o. O edifício albergava um kosmetik pequeno, mas fluorescente. O professor detestava o salão de beleza. Quando estava cheio, o odor rançoso da acetona erguia-se através do sistema de ventilação e envolvia-lhe o apartamento. Também tornava o edifício menos seguro do que ele teria gostado. Como o komestik não tinha nenhuma entrada independente pela rua, o átrio estava constantemente cheio das belas habitantes de Schwabing chegando para as suas pedicures, massagens faciais, e depilações.

Virou à direita na direção da porta que dava acesso ao minúsculo pátio, e hesitou na soleira, vendo se os gatos andavam por ali. Na noite anterior, fora acordado à meia-noite por uma escaramuça devida a algum bocado de lixo. Nessa manhã não havia gatos, apenas um par de esteticistas entediadas vestindo imaculadas batas brancas, que fumavam cigarros encostadas à parede. Avançou através dos tijolos cobertos de fuligem e atirou o saco para dentro do contentor.

Voltando ao átrio de entrada, encontrou Frau Ratzinger a castigar o chão de linóleo com uma vassoura de palha gasta.

— Bom dia, Herr Doktorprofessor — disparou a mulher velha. De seguida, acrescentou acusadoramente —, Vai sair para o seu café da manhã? — Ja, ja, frau Ratzinger— murmurou anuindo o professor Stern.

Ela olhou para duas pilhas de folhetos desarrumadas, uns anunciando um concerto gratuito no parque, os outros uma clínica de massagens holísticas na Schellingstrasse.

— As vezes que lhes peço para não deixarem aqui estas coisas, eles querem lá saber, continuam na mesma. É aquele estudante de teatro do 4B. Deixa entrar toda a gente no prédio.

O professor encolheu os ombros, como que atónito com os modos desregrados dos jovens, e sorriu bondosamente à senhora velha. Frau Ratzinger pegou nos folhetos e levou-os para o pátio. Um momento depois, ouviu-a a zangar-se com as esteticistas por deitarem as beatas dos cigarros para o chão.

Lá fora deteve-se a avaliar o estado do tempo. Não era demasiado frio para o início de Março, o Sol espreitava através de uma camada de nuvens transparente. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e continuou a andar. Entrando nos Jardins Ingleses, seguiu por um carreiro bordejado de árvores ao longo das margens de um canal inchado pela chuva. Gostava do parque. Era um local tranquilo para descansar a cabeça depois do esforço matinal ao computador. Mais importante, permitia-lhe ver se nesse dia o estavam a seguir. Parou de andar e, teatral, bateu nos bolsos do casaco, para mostrar que se esquecera de algo. Depois recuou e voltou atrás, observando os rostos, verificando se algum correspondia a um dos rostos armazenados na base de dados da sua prodigiosa memória. Parou numa ponte para peões, como se admirasse a pressa da água caindo sobre a pequena queda de água. Um traficante de droga com aranhas tatuadas no rosto ofereceu-lhe heroína. O professor sussurrou algo de incoerente e afastou-se com rapidez. Dois minutos depois, enfiou-se numa cabine pública e fingiu fazer uma chamada enquanto observava atentamente as cercanias.

Depois pousou o auscultador.

Wiedersehen, Herr Doktorprofessor.

Virou para a Ludwigstrasse e caminhou rapidamente através do bairro universitário, de cabeça baixa, esperando evitar ser detectado por quaisquer estudantes ou colegas.

No início dessa semana, recebera uma carta bastante desagradável do Dr. Helmut Berger, o pomposo presidente do seu departamento, perguntando-lhe quando é que o livro poderia estar terminado, e quando se poderia esperar que ele retomasse os seus deveres de professor. O professor Stern não gostava de Helmut Berger — as divergências, pessoais e académicas, entre os dois, eram célebres — e, convenientemente, não tivera tempo para responder.

A azáfama do Viktualienmarkt impediu-o de pensar em assuntos relacionados com trabalho. Moveu-se por entre pilhas de fruta e legumes de cores brilhantes, passando por bancas de flores e talhos ao ar livre. Comprou algumas coisas para o seu jantar, depois atravessou a rua, até ao café-bar Eduscho, para um café e um Dinkelbrot.

Quarenta e cinco minutos depois, dirigindo-se a Schwabing, sentia-se revigorado, a mente leve, preparada para outro combate com o livro. A sua doença, tal como Orwell dissera.

Ao chegar ao edifício de apartamentos, uma rajada de vento perseguiu-o até ao átrio, espalhando uma pilha recente de folhetos cor de salmão. O professor virou a cabeça para conseguir ler um deles. Um novo restaurante de entregas ao domicílio, especializado em caril, abrira do outro lado da esquina. Ele gostava de um bom caril. Apanhou um dos folhetos e enfiou-o no bolso do casaco.

O vento varrera alguns dos folhetos para o pátio. Frau Ratzinger iria ficar furiosa. Enquanto subia devagar as escadas, ela espreitou pela porta do seu minúsculo apartamento e viu a confusão. Previsivelmente horrorizada, olhou-o, interrogativa.

Enfiando a chave na fechadura, ele conseguiu ouvi-la a praguejar, enquanto se encarregava daquela ofensa mais recente.

Na cozinha, arrumou as compras e fez uma xícara de chá. Depois avançou pelo corredor até ao estúdio. Estava um homem de pé junto à secretária, folheando, displicente, uma pilha de papéis da pesquisa. Usava uma bata branca, semelhante às das esteticistas no kos-metik, e era muito alto, de ombros adéticos. O cabelo era loiro e raiado de cinzento. Ao ouvir o professor entrar, o intruso ergueu os olhos. Também eram cinzentos, e frios como glaciares.

— Abra o cofre, Herr Doktorprofessor.

A voz era calma, quase sedutora. O seu alemão tinha sotaque. Não era Wolfie — o professor Stern tinha a certeza disso. Ele tinha um jeito especial para línguas e um ouvido atento aos dialectos locais. O homem da bata era suíço, e o seu Schwyerdütsch tinha o sotaque amplo e cantarolado de um homem dos vales das montanhas.

— Quem raio é pensa que é? — Abra o cofre — repetiu o intruso, olhando novamente para os papéis sobre a secretária.

— Não há nada no cofre que tenha valor. Se é dinheiro que você... Não foi permitido ao professor Sterr terminar a frase. Com um movimento rápido, o intruso enfiou a mão debaixo da bata, tirando uma arma com silenciador. O professor conhecia as armas tão bem quanto os

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

